

Cadernos

letra e ato

Da palavra mítica à palavra dialogada: confluências entre as origens do teatro e da filosofia na Grécia antiga

Dalila David XAVIER¹ e Luciana da Costa DIAS²

Resumo: O presente artigo procura discutir alguns pontos de confluência entre a origem trágica do teatro ocidental e o nascimento da filosofia, na Grécia dos Séculos VI-IV a.C. Para tanto, parte do fenômeno em comum da laicização da palavra e da descoberta do diálogo (pautado na argumentação racional e na coesão do discurso), elementos marcantes do período.

Palavras-Chave: Tragédia; mito; filosofia.

O presente artigo procura apresentar alguns resultados da pesquisa de Iniciação Científica de mesmo título, realizada no Departamento de Artes Cênicas (DEART / UFOP), cujo objetivo principal foi o de investigar alguns pontos de confluência entre o Teatro Ocidental, em sua origem trágica, e o “nascimento” da filosofia, ocorrido na Grécia dos Séculos VI-IV a.C. Esse estudo se insere dentro do escopo do APORIA (Núcleo de Estudos em Filosofia e Artes da Cena), com cuja temática central dialoga. Em outras palavras, pretende-se aqui discutir o fenômeno em comum da laicização da palavra e seu distanciamento do pensamento mítico em direção à descoberta do diálogo (pautado na argumentação racional e na coesão do discurso), fenômenos marcantes do período. Temos aqui em vista que o teatro, em suas origens, é quase indissociável do mito: a tragédia tem, justamente como marco de seu início, a representação ritualística dos mitos gregos. Seu

¹ E-mail: daliladx6@gmail.com. Graduanda do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (DEART/UFOP).

² Prof. Adj. do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (DEART/ PPGAC /UFOP). Doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

objetivo inicial seria “levar à cena os acontecimentos lendários acerca dos heróis e dos deuses” (GRIMAL 1978, p. 45), vindo seu desenvolvimento (ou seja, justamente aquilo que separará a encenação trágica, progressivamente, de seu caráter ritualístico) a ser profundamente influenciado pelas transformações sociais que então teriam lugar.

Mito, nas sociedades antigas, eram as narrativas fundadoras sobre as origens de algo, sobre a origem do mundo, do universo e das coisas que nele habitam, incluindo os seres humanos. Trata, pois, de acontecimentos e seres ausentes da ordem natural, narrando, assim, as aventuras heroicas daqueles que os antigos consideravam seus antepassados.

Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais frequentemente possível, assistir de novo ao espetáculo das obras divinas, encontrar os seres sobrenaturais e voltar a aprender sua lição criadora é o desejo que podemos ler claramente em todas as repetições rituais dos mitos. Em suma os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural e que esta história é significativa, preciosa e exemplar. (ELIADE, 1989, p. 24)

Tão precioso e significativo era de fato o mito, que os poetas eram conhecidos como aqueles cujas divindades escolhiam para, por meio deles, se manifestarem. Levavam, pois, à cena o conhecimento e acima de tudo a verdade.

Em contraposição à mitologia, nasce lado a lado do fenômeno teatral, outra forma de pensamento, uma nova visão de homem e de mundo que chamamos de Filosofia. A palavra filosofia, de origem grega, significa *filo* (amor ou amizade) e *sofia* (sabedoria), em outras palavras “amor ou amizade à sabedoria”. Como coloca Châtelet (1994), trata-se da “invenção da razão”, ou do *logos*. Todavia, esse homem racional não mais se satisfaz com as tradições, com o ideal, com uma verdade absoluta. A verdade do mito entra em choque com a razão, e deste choque resultam profundas transformações na sociedade Grega. A filosofia inaugura a democracia, ou seja, a igualdade entre todos os cidadãos perante as leis e a cidade: todos têm direito à palavra, a opinar em todas as decisões a serem tomadas. Logo, o poeta não é mais portador da palavra de verdade. Consequentemente, a isonomia, ou direito à participação, traz consigo a noção de universalidade, onde a verdade passa a ser uma conquista, por ser eleita em conjunto por meio da argumentação.

Como observa Pierre Vernant (2001, p. 143),

A razão grega não se formou tanto no comércio humano com as coisas, quanto nas relações dos homens entre si. Desenvolveu-se menos com as técnicas que operam no mundo, que por aquelas que dão meios para domínio de outrem, e cujo instrumento comum é a linguagem: a arte do político, do reitor, do professor. A razão grega é a que de maneira positiva, refletida, metódica, permite agir sobre os homens, não transformar a natureza. Dentro de seus limites como em suas inovações é filha da cidade.

A própria visão poético-mítico-arcaica de mundo Grego seria radicalmente transformada dentro do espaço da cidade. Quando a verdade passa a se constituir a partir da persuasão, da argumentação e da racionalidade, elementos que se tornam a chave da vida no espaço da *pólis*, surge a palavra dialogada, “lógica” e até mesmo sofística. O desenvolvimento da argumentação e do diálogo é a mudança radical que a *pólis* viu acontecer e que imprimiria sua marca no mundo ocidental de modo indelével. Surgiu, com o fenômeno urbano, algo até então inédito: a preeminência da palavra racional, dialogada e logicamente sustentada, em detrimento da palavra revelada, mítica.

Considera-se a tragédia como tendo sua origem no culto a Dionísio e nas representações ritualísticas dos mitos gregos. Todavia, na medida em que as explicações mitológicas mostraram-se insuficientes para responder as inquietações humanas, teria surgido espaço para uma nova forma de pensar o mundo, mais racional e filosófica. A passagem entre as duas formas de pensar, contudo, longe de ser uma transição fácil ou direta, representa um longo período de transformações e decantação. Seriam neste sentido, a tragédia e a filosofia faces opostas de uma mesma moeda? Ambas têm suas origens no mesmo período histórico social da sociedade grega, a saber, os séculos VI e IV a.C.

Essa transição não foi, contudo – não poderia jamais ser –, fácil, e são os conflitos e contradições inerentes que encontrarão voz, pela primeira vez, na tragédia. Refletindo sobre estes aspectos pode-se perceber as relações íntimas entre o Teatro e a Filosofia. A filosofia (o pensamento argumentativo que se consolida com Platão e Sócrates) e o teatro (a dramatização progressiva da palavra-diálogo em contraposição ao coro e sua cada vez maior separação do ritual) surgem juntos, se alterando e modificando mutuamente.

Para compreender melhor a proposta aqui apresentada, se faz necessária o entendimento de alguns conceitos-chave para a realização desta pesquisa, são eles mito e *logos*. Uma vez que estes conceitos foram se modificando ao longo do tempo e seus significados atuais muito se diferem do sentido que lhes era conferido nas sociedades mais antigas, cabe uma retomada do que estas palavras representavam para estes povos, contexto aqui abordado.

O significado e a relevância do mito nas civilizações mais antigas se difere consideravelmente do conceito atual. Para esses povos a palavra mito é uma história ou narrativa verdadeira e, sobretudo, sagrada, a respeito da criação do mundo e do homem. Sua função seria explicar as origens do universo e da realidade. Ao ser fecundada pelo soberano Zeus, memória (*Mnemosyne*) dá vida à palavra cantada, ou seja, às musas. Portanto a palavra cantada, oral, advém da memória, e assim o poeta, como nos afirma Jaa Torrano (1991, p. 11) “... tem na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhe é conferido pela Memória (*Mnemosyne*) através das palavras cantadas (*Musas*)”.

De maneira que para os Gregos do período arcaico a palavra não se limitava à representação, mas tinha o poder de tornar presente aquilo que era dito. Através dela, o poeta dirigia os homens a um momento atemporal, presentificando o passado. Em um tempo que precede a palavra escrita, a palavra cantada se manteve como principal fonte religiosa e espiritual dos povos. Isso se deve, talvez, a seu caráter Idealizador, no sentido de educar o comportamento humano. Pela palavra mítica o homem aprende a maneira ideal de se comportar e agir diante do mundo.

A afirmação anterior traz à tona outro conceito fundamental para o estudo das origens do teatro, o ritual. Ora, se o modelo comportamental foi deixado pelos antepassados através da palavra, é possível chegar a eles, ou ainda alcançar novamente o “Tempo dos Deuses”, por meio do ritual. O ritual é, pois, o ato de repetir ou reviver aquilo que foi vivido pelos antepassados, e dizem respeito, como nos afirma Mircea Eliade (1989), a todas as atividades humanas significativas, como a educação, alimentação, casamento, sabedoria e arte, assim como morte e nascimento, creio eu.

O teatro Grego é um exemplo bastante significativo da proposição anterior. À luz da historiadora Margot Berthold (2004) entendemos como, a partir da prática ritual, elo entre os homens e os Deuses, surge o Teatro. A saber, Dionísio – considerado Deus do teatro – era anteriormente cultuado nos rituais de produção do vinho, e a própria embriaguez do vinho e as orgias às quais ele é ligado nos remete ao estado de êxtase que se busca nos rituais, o que Aristóteles denomina mais tarde como a *catarse*. Diria que o teatro não só nasce do ritual mas é um ritual, na medida em que instaura outro tempo dentro do tempo real no qual vivemos. Este é o momento de retorno às origens a fim de reafirmar os laços e aprender. A tragédia Grega, por exemplo, é um revivificar dos Deuses.

Entretanto, nesta mesma Grécia religiosa e ritualística desponta o *logos*, definido pela autora Marilena Chauí (2002) como razão íntima de uma coisa, explicação racional de

algo que dá razão, sentido, valor e causa à algo. Nesta perspectiva o *logos* opõe-se ao mito. É como se de alguma forma as explicações mítico-religiosas não mais suprissem a curiosidade e necessidade humana de dar sentido às coisas. Assim, o *logos* explica o mundo de forma racional e o homem se percebe capaz de decidir, não mais sujeito às ordens divinas. Por consequência das profundas mudanças ocorridas, tem-se a laicização da palavra. O aperfeiçoamento do alfabeto promove a desvalorização da *Alethéia*, aquilo que não deve ser esquecido (a verdade), em prol da *doxa*, a opinião que nos remete ao discurso, à palavra dialogada. Esta só pode ocorrer na medida em que os homens passam a se relacionar em termos de igualdade, retirando do poeta a exclusividade da palavra. Ao relatar sobre esse momento de dessacralização da palavra, o autor Luís Alfredo García Roza (1955) aponta:

Simonides é o primeiro poeta a fazer da poesia um ofício remunerado, mas sua grande novidade não reside nisto e sim no fato de que é o primeiro a reconhecer o caráter artificial da palavra, isto é, que ela é uma *imagem* do real e não parte do real. (GARCIA-ROZA, 1995, p.35)

Ao contrário do período Arcaico, agora a palavra passa a ser representativa, ou seja, ela apenas representa ou nomeia algo real, mas não é a realidade em si.

A grande questão, na verdade, é a maneira com que o embate entre o mito e o *logos*, ou ainda entre a palavra mítica e a palavra dialogada, se mostram na civilização Grega ao longo do período entre os séculos VI e VII a.C. A tragédia não é, pois, o mito, mas sim o choque entre esses dois valores. O mito como palavra revelada, perdendo força, e o *logos* que ainda está ascendendo, e por isso mesmo não possui forma dada ou definida – quadro que se alterará somente no século IV a.c, com Platão e Aristóteles. Vejamos como isto se dá.

Em um tempo anterior à tragédia, o que chamamos hoje de “Grécia” era formada por pequenas comunidades rurais. Nesta cultura agrícola-pastoril predominava a ordem religiosa, o mito e o culto aos Deuses, expressidos por meio dos Rituais.

No século XII a.C os povos iniciam movimentos migratórios (como é o caso dos Aqueus quando sofreram a invasão Dórica). Os constantes movimentos de migração aproximaram os povos, que foram então se desenvolvendo não só economicamente como também culturalmente. Parte crucial deste desenvolvimento foi a navegação, que propiciou contato, sobretudo, com os povos do Oriente, fomentando não só o comércio, mas,

principalmente, novas descobertas, como a invenção da moeda, do calendário e do alfabeto.

Ancoradas nas transformações citadas acima, o que temos entre os séculos VII e VI a.C é a crescente urbanização e uma nova forma de pensar - a que chamaremos Filosofia. Segundo a autora Marilena Chauí (1994) a filosofia nasce nesse contexto entre o fim do século VII e início do século VI a.C.

As profundas modificações oriundas do fenômeno urbano alteraram a vida não só estruturalmente, mas também espiritualmente. Em termos espirituais, o homem urbano nascente em muito se difere do rural: sua instância primeira passa a ser a “razão”, o discernimento e o diálogo. O homem dá, com isso, os primeiros passos em direção ao reconhecimento de si mesmo como agente do destino. Entende-se por agente aquele que age ou ainda aquele que toma para si a ação, assumindo suas consequências e responsabilidades. Podemos assim afirmar a filosofia como manifestação primeira do desejo humano de liberdade e autonomia.

O nascimento da filosofia representa modificações profundas no pensamento do homem grego. Cabe refletir acerca dos fatores que contribuíram para que esta nova maneira de pensar se estabelecesse entre os homens, pois ainda que tenhamos em conta o desenvolvimento obtido pelo contato entre os povos, como o comércio a criação do alfabeto e da moeda, estes ainda se mostram insuficientes para explicar por si só um fenômeno tão inusitado e complexo como a filosofia. Como nos diz Marilena Chauí (1994, p. 35):

Muitas têm sido as explicações das causas históricas para a origem da filosofia na Jônia. Alguns consideram que as navegações e as transformações técnicas tiveram o poder de desencantar o mundo e forçar o surgimento de explicações racionais sobre a realidade. Outros enfatizam a invenção do calendário (tempo abstrato), da moeda (signo abstrato para a ação de troca) e da escrita alfabética (transcrição abstrata da palavra e do pensamento), que teriam propiciado o desenvolvimento da capacidade de abstração dos gregos, abrindo caminho para a filosofia. Sem dúvida esses fatores foram importantes e não podem ser desconsiderados nem minimizados, mas não foram os principais. A principal determinação histórica para o nascimento da filosofia é política: O nascimento simultâneo a ela, da Cidade- Estado, isto é, da Pólis, pois com esta desaparece a figura que foi a do antecessor do filósofo, o mestre da verdade (o poeta, o advinho e o rei -de-justiça).

Em outras palavras, a cidade, foi a grande responsável pelo nascimento da filosofia, na medida em que estabelece uma nova relação entre os homens. Despontam ideais políticos como a democracia e a justiça, que permitem ao homem a *isegoria* (o direito a palavra ou opinião) e a *isonomia* (igualdade perante as leis e perante os outros homens), direitos fundamentais para o exercício da filosofia. Em contraposição ao período arcaico em que a palavra era privilégio dos poetas, detentores únicos do conhecimento e da verdade, a democracia traz como consequência a laicização da palavra, agora exprimida pelo diálogo – que permite que os homens cheguem através do discurso a um consenso, ou não, daquilo que deve ser tomado como verdade, como certo ou errado.

Denominamos o período de nascimento da filosofia (século VI a.C) anterior a Sócrates como Pré-Socrático, exatamente por ser anterior ao nascimento de Sócrates, personagem fundamental para a consolidação da filosofia, bem como seu objeto de estudo.

A filosofia Pré-Socrática não possui, portanto, um corpo consolidado, e ao contrário do que se pensa ela não tem como objetivo romper os laços com a palavra mítica. Ela busca na verdade o mesmo que o mito. A palavra Mítica narra a criação do universo pela interseção de seres sobrenaturais. Assim, sabemos que a principal questão do mito é a origem do universo e de todas as coisas. Ora, também a filosofia nascente se debruçará sobre essa questão, buscando dar-lhe, contudo, uma resposta através da razão ou (*logos*) e não através da ação dos Deuses.

A medida que a filosofia vai ganhando força, também muda seu objeto de estudo, passando, nos séculos V e IV a.C, do estudo das origens para o estudo da formação do cidadão e do sábio virtuoso, ocupando-se da política e da ética. A partir do Século V a.C (Período Socrático), então, a *Pólis* e o homem são os principais objetos de estudo da filosofia. Isto ocorre em função da consolidação de cidades-estado, dentre as quais se destaca Atenas, que pode ser considerada o centro comercial e intelectual do mundo grego. Atenas, em seu apogeu, consolidou o fenômeno urbano na Antiguidade: mais de 250 mil habitantes, forte comércio e manufatura, e – principalmente – organização estatal laica.

Do que se sabe hoje, as primeiras tragédias foram encenadas no governo do tirano Pisítrato, no ano de 534 a.C, nas Grandes Dionisíacas, festival realizado em honra a Dionísio. A esse respeito nos diz a autora Margot Berthold (2011, p. 104):

Pisítrato, o sagaz tirano de Atenas que promoveu o comércio e as artes e foi o fundador das Panateneias e das Grandes Dionisíacas, esforçou-se para emprestar esplendor a essas festividades Públicas. Em março do ano de 534 a.C; trouxe de Icária para Atenas o ator Téspis, e ordenou que ele participasse da Grande Dionisíaca.

Téspis teve uma nova e criativa ideia que faria história. Ele se colocou à parte do coro como solista, e assim criou o papel do *hypocrites* (“respondedor” e, mais tarde, “ator”), que apresentava o espetáculo e se envolvia num diálogo com o condutor do coro. Essa inovação, e primeiramente não mais do que o embrião dentro do rito do sacrifício, se desenvolveria mais tarde na tragédia, etimologicamente, *tragos* (“bode”) e *ode* (“canto”).

A própria etimologia da palavra teatro provém do grego “*Thea*”, olhar com interesse, e “*tron*”, donde. Significa, pois, local de onde se vê, e me pareceria impensável seu despontar não fosse a laicização da palavra e do espaço trazidas pela filosofia. Os cultos agrários ou rituais ditirâmicos, ao migrarem para o espaço urbano, se transformam, ganhando independência em direção àquilo que hoje denominamos Teatro. Não podemos desconsiderar toda a teatralidade presente nos ritos mais antigos, mas aquilo que propriamente consideramos como teatro ocidental – tal como o entendemos em termos de cena, diálogo e até mesmo local específico de encenação – nasce com a cidade e a democracia grega, que dá origem ao ideal de espaço público e de vida pública.

Se antes os cultos se realizavam nas propriedades ou nas pequenas comunidades, agora ele é um evento da cidade aberto a todos os cidadãos, e com isso conquista um lugar próprio: os grandes Teatros, que serão construídos por toda a Hélade, como por exemplo o Teatro de Epidauro, um dos mais bem preservados.

É possível evidenciar na origem da Tragédia as influências do pensamento Filosófico. Tínhamos a princípio o predomínio da palavra cantada, o ditirambo, e dele se destaca o diálogo, que ganha cada vez mais importância sobre o coro. Este é, curiosamente, segundo Nietzsche em *O nascimento da tragédia* (1992), justamente aquilo que ainda sobrevive da palavra Mitológica. A tragédia emerge como fruto de um embate entre tradição, mito e filosofia (*logos*), o que supõe uma mudança de pensamento. Sabemos que as mudanças de mentalidade são demasiado demoradas e nada fáceis, pois significa ver cair por terra tudo aquilo que parecia uma constatação inabalável até pouco tempo atrás. Os textos trágicos me parecem exatamente a expressão viva da dualidade em que se encontrava o homem grego, dividido entre a obediência aos Deuses e aos antepassados, a manutenção da tradição e o ideal de liberdade e até mesmo o desejo de agir por sua própria conta em risco.

O autor Jean Pierre Vernat (1991, p. 4) pontua de forma bem contundente esta questão:

A Tragédia, entretanto, assume um distanciamento em relação aos mitos heroicos em que se inspira e que transpõe com muita liberdade. questiona-os. Confronta os valores heroicos, as

representações religiosas antigas com os novos modos de pensamento que marcam o advento do direito no quadro da cidade.

Para além destes fatores, é perceptível nos textos trágicos, ainda, a evolução do pensamento filosófico. O fenômeno da laicização, oriundo do pensamento filosófico, parece impresso nas obras teatrais com a mesma proporção em que vai se instaurando na cidade. De tal forma que identifica-se a ligação entre teatro e filosofia de acordo com a transformação que pode ser observada entre as obras de Ésquilo (525a.C - 456a.C) e de Eurípedes (480 a.C - 406 a.C), respectivamente o primeiro e o último tragediógrafo de que temos registro.

Ésquilo (525a.C - 456a.C) é o mais antigo dos poetas trágicos cuja obra chegou até nossos dias. É considerado o criador da tragédia na Ática por ter introduzido o segundo ator em cena, diferenciando a tragédia do ritual ditirâmico e reduzindo o papel do coro: assim se tornou possível o diálogo entre as personagens e, com isso, a ação dramática. Consta que tenha escrito noventa peças, das quais somente sete tragédias sobreviveram, dentre elas *Prometeu Acorrentado*, escrita entre 462 e 459 a.C. Por outro lado, ao que se sabe, Eurípedes (480 a.C - 406 a.C) foi autor de noventa e duas tragédias, das quais somente dezoito chegaram completas aos nossos dias. Suas tragédias contam a história dos vencidos, buscando dramatizar os conflitos internos do indivíduo, como a obra *Medeia* (431 a.C.) o mostra. Seu caráter revolucionário é considerado como advindo do fato de suas personagens não serem mais heróis ou indivíduos próximos ao divino. Como coloca Margot Berthold, “Eurípedes estava interessado, no princípio da decepção, na relativização dos valores éticos. O pronunciamento divino não era verdade absoluta para ele e não lhe oferecia nenhuma solução conciliatória final”. (BERTHOLD, 2001, p. 110)

Finalizando o presente artigo, vimos que se tem, assim, diversos pontos de confluência entre o teatro ocidental, em sua origem trágica, e o nascimento da filosofia, na Grécia dos séculos VI- IV a.C., a partir do fenômeno em comum da laicização da palavra e da descoberta do diálogo (pautado na argumentação racional e na coesão do discurso), fenômenos marcantes do período. Embora longe de esgotar a questão, mostrou-se no estudo que o impulso filosófico se mostra estreitamente imbricado com a origem do teatro no Ocidente – e o teatro se modifica em função deste mesmo impulso. Daí, talvez, a tese de Nietzsche (1992), que afirma: “a Tragédia morre por suicídio”. O mesmo impulso para a laicização da palavra, que dá independência ao texto trágico, parece ser aquele que distancia

a tragédia da teatralidade originária do mito, em seu caráter mágico de encenação e repetição.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ajax*. São Paulo, Perspectiva, 1997.
- BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- CHÂTELET, François. *Uma história da razão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- DIAS, Luciana da Costa. O teatro e a cidade: notas sobre uma origem comum. In: *Revista Artefilosofia*. UFOP, v. 12, 2012, pp. 48-61.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa, Edições 70, 1989.
- ÉSQUILO; SÓFOCLES EURÍPEDE; ARISTÓFANES. *Teatro Grego*. [Seleção, Introdução, notas e tradução direta do grego por Jaime Bruna]. São Paulo, Cultrix, s/d.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- GRIMAL, Pierre. *O teatro antigo*. Lisboa, Edições 70, 1978.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução e introdução de Jaa Torrano. São Paulo, Iluminuras, 1991.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou belenismo e pessimismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

Abstract: This article intends to discuss some points of confluence between the tragic origin of Western Theatre and the birth of Philosophy in the Greece of VI-IV b.C centuries. As such, it focus on the phenomenon of laicizing of word and on the discovery of dialogue (lined by rational argumentation and by cohesion of speech), which are remarkable elements of that time.

Keywords: Tragedy; mith; philosophy.